

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Liberal

Class.: Assurini Xingu

Data: 28/06/92

Pg.: 12

Um novo caminho se abre para a sobrevivência dos Assurinis

A comunidade é uma das mais pobres e atrasadas do Pará, mas ainda consegue festejar a vida

Texto: Manuel Dutra
Fotos: Raimundo Dias e Aldo Lo Curto

A partir da próxima semana os 71 índios Assurinis residentes à margem direita do Xingu, a 110 quilômetros ou 5 horas de barco de Altamira, começarão a ser transportados para esta cidade a fim de submeter-se a exames de raios-x. Há suspeitas de que boa parte deles estejam com problemas pulmonares, sobretudo a tuberculose. Os exames serão coordenados pelo médico Aldo Lo Curto, 42 anos, um italiano que trabalha voluntariamente junto aos médicos da Funai há quatro anos, passando, em média, seis meses no Xingu e seis meses na localidade de Canzo, perto da cidade italiana de Como.



A curumim é a esperança de sobrevivência dos velhos guerreiros assurinis, gente pobre e sofrida



Ainda pouco conhecida, a comunidade Assurini é uma das mais pobres e atrasadas do Pará. O grupo foi contactado na década de 70, quando eram 150 indivíduos. Com a aproximação do branco, logo foram vítimas de uma epidemia de gripe que dizimou dois terços da tribo. Nos anos 80, restavam apenas 53 índios. Profundamente feridos por esse episódio, e vendo-se agredidos também em sua cultura, os Assurinis entraram num processo de autodestruição, impedindo o nascimento de filhos com o aborto sistemático. Os nascimentos chegaram a zero durante mais de uma década.

Atualmente reanimados, entre outras razões pelo trabalho de Aldo Lo Curto e da psicóloga Sarah Azevedo, o grupo reage à tentativa de desaparecer da face da terra e começa a ter filhos, sinal de esperança no futuro. Hoje a aldeia já conta com 15 crianças. Exímios artistas, eles dedicam-se com maestria à cerâmica. Por ocasião do encontro dos povos indígenas do Xingu, em Altamira, em fevereiro de 1989, eles estavam representados, com sua arte, sua cultura e sua estatura reduzida, ao menos em comparação com os saudáveis e ricos kaipós.

Festa anual
Os Assurinis da margem direita do Xingu têm parentes, sabem hoje os antropólogos e sertanistas da Funai. Mas moram longe e não têm contato. A despeito de seus infortúnios, eles sabem ser alegres e, todos os anos, promovem uma festa tribal que dura cerca de uma lua (um mês), durante a qual sopram instrumentos musicais quase sem parar, alimentando-se de um tipo de mingau de mandioca que os deixa fracos depois dos festejos. Por isso, os problemas de saúde que o grupo enfrenta presentemente podem estar relacionados a esse esforço anual, quando deixam de produzir, empregando as energias nos instrumentos de sopro.

A história recente dessa nação está intimamente ligada à vida do médico Aldo Lo Curto e da psicóloga Sarah Azevedo. Aldo chegou ao Pará em 1981, trazido por uma "razão espiritual, embora não ligado a uma religião, para dar um sentido à profissão médica, com a atenção voltada para o homem como um todo,



Aldo e Sarah vieram a O LIBERAL e foram recebidos por Roberta Matorana Xerfan

para apoiar aquele que sofre". De início ajudou o bispo, também italiano, dom Aristides Piróvano, no leprosário de Marituba. Lá ele conheceu a condição do doente pobre numa região pobre do Brasil.

"Mas a dimensão holística, do homem todo, eu aprendi com os índios", revela Aldo, que se entusiasma com a maneira como os indígenas se curam: "O doente vai ao médico com a família ou até com um grupo, que partilha com ele o seu sofrimento, e isso ajuda muito na cura; para o índio, a doença contágia afeta a todos e por isso deve ser compartilhada". Esses valores é que motivam o médico de Canzo a intensificar seu trabalho junto aos Assurinis, devidamente autorizado pela Fundação Nacional do Índio. Ele não é empregado da Funai, mas trabalha sob a orientação de seus médicos.

Medicina humanizada
Essa maneira essencialmente humana de ver o doente, que integra a cultura indígena, contrapõe-se à especialização, hoje uma superespecialização da medicina entre os povos ditos civilizados, comenta Aldo Lo Curto, que é clínico geral e cirurgia plástica. Ele vê a medicina dos

brancos dividindo o homem em partes, como se um órgão não tivesse relação com o outro e como se homem não fosse um ente uno, tanto no aspecto físico como no mental e espiritual. Por tudo isso, Aldo, como muitos outros já disseram, vê a Amazônia como "uma autêntica enciclopédia".
Essa enciclopédia ele tenta mostrar em três livros que escreveu a respeito dos índios e de sua cultura. O primeiro livro é sobre os animais que curam. "Muitas pessoas pensam que só as plantas são remédios, mas aqui mesmo em Belém o Ver-o-Peso é rico em banhas de animais", diz o médico, que já catalogou 70 animais capazes de fornecer variados tipos de remédios. O segundo livro é um manual de saúde para os índios, ensinando-lhes noções básicas de precaver-se contra as doenças, especialmente aquelas transmitidas pelo homem branco.

O terceiro é uma bela brochura enriquecida com excelente coleção de fotografias retratando a vida dos Assurinis. Sob o título italiano "...E l'Indio venne sulla Terra" (E o índio apareceu sobre a Terra), a obra é escrita em português, italiano, inglês, francês e alemão.

O livro de Aldo Lo Curto, que traz uma série de lendas de vários grupos indígenas, é vendável. A obra foi editada com a ajuda financeira de amigos do autor e serve de cartão de visitas na Europa, onde o médico pede ajuda para suas temporadas no Xingu. Ele já esteve também entre os Araweté, Karará e Arara. Por causa desse trabalho, Aldo conseguiu que um grupo de 20 pessoas de Florença, da Comunidade Badia Piesolana, adotassem os Assurinis "sem paternalismo ou dependência", apenas para ajudar. O grupo angaria dinheiro que serve para comprar os materiais com que Aldo retorna ao Xingu.

Apoio e agradecimento
Graças ao apoio deste e de outros grupos europeus, os desenhos produzidos pelos artistas assurinis estão agora sendo estudados com o auxílio de computadores. De povo até bem pouco tempo esquecido, eles agora têm aliados capazes de dar sentido à sua vida, antes condenada. Aldo Lo Curto e sua companheira brasileira, Sarah, não economizam agradecimentos à Funai, por compreender e incentivar o trabalho deles, especialmente os médicos Roberto Madero e Mário Ferreira Filho, ambos da coordenadoria regional da Funai, em Belém.

Na Itália, eles agradecem à entidade ELMEPE, da cidade de Erba, promotora de exposições e que doou uma Kombi para a Casa do Índio, em Icaraci, através de seus diretores sr. Cogliati e sua secretária, Anna Pontiggini. A Valerio De Giovanni, diretor da Banca Suíça/Itália, pela doação de dois microscópios que serão utilizados nas aldeias dos Assurinis e dos Poturus, no norte de Obidos.

Outros benfeitores do trabalho de Aldo são a antropóloga Chiara Monteggia, o jornalista Neri Padigati e a comunidade suíça de Biasca, onde foi feita uma coleta entre os moradores para a assistência aos índios do Xingu, que já ganharam também uma pick-up Toyota e quatro voadoras, estas para o transporte normal e de doentes até Altamira. Aldo e Sarah também agradecem a O LIBERAL pela divulgação de seu trabalho nesses anos todos.